

ANTOLOGIA DE MÉLICA GREGA ARCAICA – 5: O TRENO

SIMÔNIDES (ILHA DE CEOS, c. 556-468 A.C.), PÍNDARO (TEBAS, c. 518-446 A.C.)

traduções e textos gregos.

Edições de autoridade dos fragmentos:

MAEHLER, H. (ed.). *Pindarus – pars II: fragmenta, indices*. Leipzig: Teubner, 1989.

PAGE, D. L. (ed.). *Poetae melici Graeci*. Oxford: Clarendon, 1962.

Bibliografia das traduções:

RAGUSA, G. (org., trad.). *Lira grega: antologia de poesia arcaica*. São Paulo: Hedra, 2013.

https://www.academia.edu/10936384/Afrodite_nos_simp%C3%B3sios_de_Baqu%C3%ADlides_e_P%C3%ADndaro

RAMOS, P. E. da S. (trad. e notas). *Poesia grega e latina*. São Paulo: Cultrix, 1964.

SIMÓNIDES, ENCÔMIO TRENÓDICO OU TRENO – Fr. 531 (“Ode aos mortos em Termópilas”) (trad. Ragusa 2013)

τῶν ἐν Θερμοπύλαις θανόντων
 εὐκλεῆς μὲν ἂ τύχα, καλὸς δ' ὁ πότης,
 βωμὸς δ' ὁ τάφος, πρὸ γόνων δὲ μνάστις, ὁ δ' οἶκτος ἔπαινος·
 ἐντάφιον δὲ τοιοῦτον οὐτ' εὐρῶς
 οὔθ' ὁ πανδαμάτωρ ἀμαυρώσει χρόνος.
 ἀνδρῶν ἀγαθῶν ὅδε σηκὸς οἰκέταν εὐδοξίαν
 Ἑλλάδος εἶλετο· μαρτυρεῖ δὲ καὶ Λεωνίδας,
 Σπάρτας βασιλεύς, ἀρετᾶς μέγαν λελοιπῶς
 κόσμον ἀέναόν τε κλέος.

Dos mortos em Termópilas,
 bem gloriosa a fortuna, belo o destino,
 um altar o sepulcro, e em vez de lamento, memento; de pesar, louvor:
 tal mortalha nem o bolor,
 nem o tempo que tudo doma dissiparão.
 Este santuário de nobres varões elegeu a boa reputação
 da Hélade como sua habitante; e Leônidas o testemunha,
 de Esparta o rei, ao ter legado grande adorno
 de excelência e perene glória.

MITO E LAMENTO – FR. 543 (“A nênia de Dânae”)

ὅτε λάρνακι ἐν δαιδαλέαι ἄνεμός τε †μην† πνέων κινηθεῖσά τε λίμνα δείματι ἔρειπεν, οὐκ ἀδιάντοισι παρειαῖς	5	..., quando na dedálea arca o vento ventando e o mar se encrespando abateram-na com o terror; com faces não enxutas,
ἀμφί τε Περσεί βάλλε φίλαν χέρα εἶπέν τ'· ὦ τέκος οἶον ἔχω πόνον· σύ δ' ἄωτεῖς, γαλαθηνῶι δ' ἦθει κνωώσσεις ἐν ἀτερπέι δούρατι χαλκεογόμφωι	10	ela lançou os braços em volta do caro Perseu, e disse: “Ó filho, que dor tenho! Mas tu dormes bem, e com lácteo coração repousa no lúgubre lenho de brônzeas cavilhas, e na noite brilha,
<τῶι>δε νυκτιλαμπεῖ, κυανέωι δνόφωι ταθείς· ἄχναν δ' ὑπερθε τεᾶν κομᾶν βαθεῖαν παρίοντος κύματος οὐκ ἀλέγεις, οὐδ' ἀνέμου	15	estendido na escuridão azul; a funda espuma – enquanto sobre teus cabelos a onda passa – não te preocupa, nem do vento o ressoar, tu, jazendo em purpúrea manta de lã, belo rosto!
φθόγγον, πορφυρέαι κείμενος ἐν χλανίδι, πρόσωπον καλόν. εἰ δέ τοι δεινὸν τό γε δεινὸν ἦν, καὶ κεν ἐμῶν ῥημάτων λεπτὸν ὑπεῖχες οὔας. κέλομαι δ', εὔδε βρέφος, εὐδέτω δὲ πόντος, εὐδέτω δ' ἄμετρον κακόν· μεταβουλία δέ τις φανείη, Ζεῦ πάτερ, ἐκ σέο· ὅτι δὲ θαρσαλέον ἔπος εὔχομαι	25	Se para ti fosse temível o terror de fato, sob minhas palavras, segurarias teu pequeno ouvido. Digo: dorme, infante, durma o mar, durma o imensurável mal! Que surja alguma mudança, ó Zeus pai, de ti; e qualquer palavra insolente ou apartada da justiça, peço, perdoa-me ...”
ἦ νόσφι δίκας, σύγγνωθί μοι		